

## **DINAMISMO SETORIAL DIFERENCIADO NO OESTE E NO SUDOESTE DO PARANÁ<sup>20\*</sup>**

### **Lucir Reinaldo Alves**

Mestre em Desenvolvimento Regional (UNISC).  
Professor Assistente do Curso de Economia da UNIOESTE/Toledo-PR.  
Pesquisador do GEPEC e do DISENREC  
E-mail: lucir@unioeste.br

### **Jandir Ferrera de Lima**

Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université du Québec à Chicoutimi  
(UQAC)  
Professor Adjunto do Colegiado de Economia (UNIOESTE)  
Pesquisador do GEPEC e Pesquisador Associado do GRIR-UQAC  
E-mail: jandir@unioeste.br

### **Moacir Piffer**

Doutorando em Desenvolvimento Regional (UNISC)  
Professor Assistente do Colegiado de Economia (UNIOESTE)  
Pesquisador do GEPEC  
E-mail: piffer@unioeste.br

**RESUMO** Este artigo analisa os diferenciais de desempenho global e setorial das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense. Para a análise foram utilizados os métodos de análise regional. Os resultados apontaram que as duas mesorregiões se especializaram em segmentos e em setores produtivos diferenciados, com dinamismos distintos, o que explica a dinâmica diferenciada das economias regionais. Da mesma forma, os efeitos de encadeamento dos setores motrizes dessas mesorregiões foram diferenciados.

**Código JEL:** Q19, R11, R14.

**Palavras-chave:** Economia Agrícola, Economia Regional, Desenvolvimento Regional

\* Artigo recebido em junho/2009 e aceito em julho/2009.

<sup>20</sup> Um versão preliminar deste artigo foi apresentada no I Seminário de Desenvolvimento Regional e Agronegócio, em setembro de 2008.

**ABSTRACT** This paper analyzes the differentials of global and sectorial performance of the Southwestern and West mesoregions of the state of Paraná, located in the south portion of Brazil. Regarding the analysis, the methods of regional analysis were applied. The results show that each of the two regions specialized itself in a different segment and productive sector, allowing each to portray distinct dynamisms, what might explain the fact that the regional economies possess differentiated dynamics. Furthermore, the linkage effects of the most important sectors of these mesoregions had also been differentiated.

**Keywords:** Agricultural Economy, Regional Economy, Regional Development.

## 1. Introdução

Este artigo analisa os determinantes dos diferenciais de desempenho global e setorial das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense. A análise foca a distribuição das atividades econômicas entre 1970 e 2000.

O final do século XX, particularmente os últimos 30 anos, foi um período significativo em transformações socioeconômicas em todo o Sul do Brasil, transformações que marcaram suas economias regionais. A rapidez das modificações tecnológicas e a aceleração do processo de inovação, associadas à flexibilização das formas de produção, alteraram a distribuição das atividades econômicas no espaço dos territórios, tornando uns mais dinâmicos que outros e, conseqüentemente, desiguais na acumulação de capital e nos indicadores sociais. As duas mesorregiões selecionadas para este estudo têm essas particularidades, pois, apesar de terem sido colonizadas em épocas semelhantes, com a distribuição fundiária assentada em pequenas propriedades familiares rurais e a policultura como forma de exploração econômica inicial, o seu processo de desenvolvimento apresenta disparidades (BERNARDES, 1997; CORRÊA, 1997; FERRERA DE LIMA et alii, 2006; PADIS, 2006).

As disparidades ficam claras ao se comparar o dinamismo econômico dessas mesorregiões, no período de 1970 a 2000. Nota-se um comportamento muito díspar entre elas. Segundo informações do IPEADATA (2007), os indicadores do Produto Interno Bruto (PIB) e da população apresentaram desempenho distinto nas duas mesorregiões. Apesar de o processo de desenvolvimento ser heterogêneo e desigual espacialmente, o grau de disparidade das taxas de variação das distintas mesorregiões é bem significativo. O Oeste Paranaense apresentou desempenho muito superior em relação à população (51,32%), ao PIB (645,76%) e ao PIB *per capita* (392,84%), no período de 1970 a 2000, se comparado ao Sudoeste Paranaense (5,88% para a população, 287,91% para o PIB e 266,35% para o PIB *per capita*).

Deve-se ressaltar que as duas mesorregiões apresentam área territorial distinta, sendo que a ordem hierárquica é o Oeste-PR (22.792 km<sup>2</sup>) e Sudoeste-PR (16.944 km<sup>2</sup>). A diferença da área territorial influencia nos valores absolutos dos dados. Essa influência era evidente na vantagem do Oeste Paranaense nos dados de 1970 e nos dados de 2000 para os três indicadores citados. Apesar das diferenças em tamanho territorial, o PIB *per capita*, que tem um valor pela relação PIB/população demonstra o quanto o Oeste ganhou em termos de produção por habitante (de R\$ 1.674,34 em 1970 para 8.251,74% em 2000) se comparado ao Sudoeste (R\$ 1.491,68 em 1970 para R\$ 5.464,82 em 2000). Nesse quesito, o Oeste apresentava um valor quase equivalente ao Sudoeste para se distanciar cada vez mais no final do período analisado. Com isso, o Oeste não só ganhou em termos de atração de população quanto em capacidade produtiva da mesma.

Quando se analisam as taxas de crescimento do PIB dos setores agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões em destaque, referente aos anos de 1970 e 2000, a hierarquia do desempenho das mesorregiões não se diferencia. Enquanto a



As variáveis utilizadas no instrumental serão: para analisar o setor primário, o valor bruto (monetário) da produção agropecuária (VBPA) é o disponibilizado pelos Censos Agropecuários de 1970 e 1996, tendo sido os valores de 1970 deflacionados pelo IGP-DI para o ano de 1996, tornando, assim, os dados comparáveis. Já, para analisar os setores secundário e terciário, a variável escolhida foi o número de pessoas ocupadas (PO) por ramos de atividades, número esse divulgado pelos microdados dos Censos Demográficos de 1970 e 2000. Em ambos os casos, a disponibilização foi feita pelo IBGE.

Levamos em consideração as seguintes definições:

$PO_{ij}$  = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, no setor  $i$  da mesorregião  $j$ ;

$PO_{tj}$  = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, na mesorregião  $j$ ;

$PO_{it}$  = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, do setor  $i$  no Sul do Brasil;

$PO_{tt}$  = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, no Sul do Brasil.

A fórmula para o cálculo do quociente locacional (QL) é a seguinte:

$$QL = \frac{PO_{ij} / PO_{it}}{PO_{tj} / PO_{tt}} \quad (1)$$

Dessa forma, o QL compara a participação percentual das pessoas ocupadas, ou do VBPA, de uma mesorregião  $j$  com a participação percentual do Sul do Brasil. Assim, o QL informa quantas vezes o setor  $i$  é mais (ou menos) importante, ou especializado, para a mesorregião  $j$  *vis-à-vis* a macrorregião de referência, o Sul do Brasil. A escolha do Sul do Brasil como referência se dá em virtude da especificidade da sua produção agropecuária, que apresenta padrões de colonização, padrões fundiários e edafoclimáticos marcadamente diferenciados do restante do território nacional, mas que se assemelham internamente. Além disso, o contexto de ocupação, de colonização e de estrutura produtiva do Oeste e Sudoeste paranaense se dá concomitante aos movimentos de ocupação da fronteira agrícola, deslocamento de mão de obra e inserção da agropecuária moderna no Sul do Brasil. Assim, tomar a Região Sul como referência é uma estratégia metodológica mais adequada, em especial quando se trata de compreender a dinâmica da agropecuária.

Tradicionalmente, a importância da mesorregião  $j$  no contexto macrorregional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando o QL assume valores acima de 1. Nesses casos, o setor será considerado especializado. O contrário ocorrerá quando o QL for menor que 1.

Nesse contexto, uma medida que complementar a análise do QL será o método estrutural-diferencial de análise do crescimento econômico regional, tradicionalmente conhecido como modelo *shift and share*. Esse método divide a variação na produção (ou no produto, ou no emprego, etc.) de uma determinada atividade em três componentes: a componente nacional ou macrorregional, a componente setorial ou

proporcional e a componente diferencial ou regional, conforme apresentam Haddad (1977; 1989), Lodder (1974), Silva (2002) e Souza (2005).

A componente (ou variação) macrorregional (R) é quanto teria variado o valor da produção no setor “x” qualquer se o mesmo tivesse crescido à taxa média do macrossetor de referência (que pode ser toda a economia, ou a agropecuária, ou a indústria, ou os serviços) na macrorregião de referência. A equação 2 apresenta sua forma de cálculo.

$$R = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{it} - 1)$$

$$\text{Em que } r_{it} = PO_{it}^{T1} / PO_{it}^{T0} . \quad (2)$$

O componente setorial, ou proporcional (P), é a diferença entre a variação do setor específico (por exemplo: o “setor soja”, *vis-à-vis* a agropecuária como um todo; ou o “setor agropecuária” *vis-à-vis* a economia como um todo) na macrorregião de referência e a variação agregada da mesma macrorregião, multiplicada pela produção (ou seu índice) em cada setor na mesorregião sob análise no início do período. O somatório dessas diferenças vai esclarecer se a estrutura produtiva inicial da mesorregião sob análise sobre o desempenho da economia – vale dizer: se sua especialização setorial inicial – favoreceu (valores positivos) ou prejudicou (valores negativos) o desempenho de sua economia.

$$P = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{it} - r_{it})$$

$$\text{Em que } r_{it} = \sum_j PO_{ij}^{T1} / \sum_j PO_{ij}^{T0} . \quad (3)$$

Finalmente, a componente diferencial (D) nos informa a diferença entre a taxa de variação efetiva de cada setor em cada mesorregião e a variação que a região teria obtido se o setor tivesse apresentado na mesorregião o mesmo desempenho que apresentou na macrorregião de referência. Ela informa se a mesorregião cresceu mais (ou menos) do que a média da macrorregião de referência em cada setor, indicando se a mesorregião tem vantagens (ou desvantagens) competitivas (ou diferenciais) em cada setor. A soma dos componentes diferenciais setoriais nos informa se a mesorregião apresentou uma performance superior ou inferior à macrorregião de referência nos distintos macrossetores (agricultura, indústria e serviços).

$$D = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{ij} - r_{it})$$

$$\text{Em que } r_{ij} = PO_{ij}^{T1} / PO_{ij}^{T0} . \quad (4)$$

Nesse sentido, com a identificação das especializações regionais (QLs) e dos setores mais (menos) dinâmicos (método diferencial-estrutural), pode-se, então, diagnosticar qual era a especialização (atividades de base) de cada mesorregião no ponto de partida, em 1970, e os setores em que cada economia se especializou e se dinamizou durante esse período. Por outro lado, a descoberta de especializações ou de diversificações na economia regional auxilia também na compreensão dos ciclos econômicos. Os estudos de Trendle (2004) e de Fochezato (2004) demonstram isso, ao analisar aspectos da instabilidade das economias regionais. No caso específico de Fochezato (2004), ele analisou a dinâmica espacial e setorial do emprego formal das regiões brasileiras no final do século XX e verificou que as relações entre estrutura produtiva e *performance* econômica demonstram que economias mais especializadas tendem a ser mais instáveis.

Da mesma forma, para facilitar a visualização, os resultados serão agregados pelos macrossetores, iniciando pelo dinamismo do setor agropecuário, passando pelo setor industrial e finalizando pelo setor de serviços.

### **3. Dinamismos do Setor Agropecuário entre 1970 a 2000**

O setor agropecuário de todo o Sul do Brasil passou por grandes transformações estruturais e técnicas após 1970. Uma síntese desse processo é apresentada por Moreira (2004). Na interpretação desse autor, os Planos Nacionais de Desenvolvimento I e II (PND) tiveram grande influência nas transformações do campo. O I PND, em 1972, introduziu a vertente da modernização tecnológica, e o II PND, entre 1975 e 1979, criou e consolidou um setor industrial produtor e fornecedor ao campo de insumos e de produtos industriais, e, com implementação de uma rede de transportes, de comunicações e de distribuição de energia elétrica, integrou a agricultura à indústria, dando origem à agroindústria contemporânea.

Nas décadas de 1980 e 1990 houve continuidade nesse processo de “tecnificação” do complexo agroindustrial brasileiro. O desenvolvimento do setor agroindustrial se deu a partir de efeitos de encadeamentos entre a agricultura, a indústria e o setor de serviços: a agropecuária relacionando-se à montante com as indústrias de produtos agrícolas e à jusante com as indústrias de transformação, tendo estas também demandado serviços diversos, influenciando no desenvolvimento do setor terciário. Assim, concomitante ao desenvolvimento do complexo agroindustrial, ocorreu o fortalecimento das atividades urbanas, porém o processo de “tecnificação” do campo foi amplamente poupador de mão de obra, principalmente nos cultivos de grãos, em que os trabalhadores rurais foram substituídos por tratores e por equipamentos em geral.

Uma consequência da modernização do campo foi a redução do número de pequenos estabelecimentos rurais no período de 1970 a 1996 nas mesorregiões em análise, conforme apresenta Tabela 1.

Tabela 1  
Número e área dos estabelecimentos rurais, por grupo de área total, das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1996

Mesorregiões	Estabelecimentos		menos de 5 ha		5 a menos de 10 ha		10 a menos de 20 ha		20 a menos de 50 ha		50 a menos de 100 ha		100 ha e mais	
	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)
<i>Valor Absoluto em 1996</i>														
Sudoeste-PR	47.212	1.031.602	9.579	30.233	11.079	85.109	13.547	194.727	9.665	289.460	2.171	149.209	1.171	282.864
Oeste-PR	56.735	1.818.237	12.046	37.257	11.401	87.381	14.262	202.326	12.409	381.081	3.647	252.732	2.970	857.460
<i>Part. % no total da mesorregião em 1996</i>														
Sudoeste-PR	100,00	100,00	20,29	2,93	23,47	8,25	28,69	18,88	20,47	28,06	4,60	14,46	2,48	27,42
Oeste-PR	100,00	100,00	21,23	2,05	20,10	4,81	25,14	11,13	21,87	20,96	6,43	13,90	5,23	47,16
<i>Diferença % em relação a 1970</i>														
Sudoeste-PR	-6,42	<b>1,25</b>	-3,63	-12,46	<b>7,72</b>	<b>8,14</b>	-6,57	-6,23	-24,34	-23,96	-3,55	-1,81	<b>67,05</b>	<b>71,06</b>
Oeste-PR	-31,29	<b>12,46</b>	-44,11	-50,47	-43,90	-42,13	-32,50	-30,33	-20,62	-16,28	<b>44,44</b>	<b>45,50</b>	<b>111,69</b>	<b>81,96</b>

Fonte: IBGE (2006).



uma representação de 2,97% para 22,31% e, em segundo lugar, a soja (6,02% para 18,46%), no mesmo período.

Os dados do Quadro 1 nos colocam a seguinte questão: – Será a cultura da soja mais “excludente” do que a suinocultura e a avicultura? Os indícios são de que as duas últimas atividades são mais intensivas em mão de obra e menos intensivas em território, deprimindo, relativamente, as tendências à concentração da propriedade e ao êxodo rural. Diferentemente, as culturas de grãos, ao exigirem uma maior relação capital/trabalho e terra/trabalho, dificultam a permanência do pequeno agricultor no meio rural, fato que pode explicar parcialmente o aumento de pequenos estabelecimentos no Sudoeste do Paraná no período de análise.

Para além da diferença no número de estabelecimentos rurais e na mudança hierárquica das atividades de maior destaque no período de 1970 a 1996, é interessante analisar o dinamismo relativo das principais atividades agropecuárias das mesorregiões em análise. Para tanto, são apresentados os resultados do método estrutural-diferencial.

Conforme mostra a Tabela 2, o crescimento percentual do VBPA total do Sudoeste Paranaense foi de 75,01% no período de 1970 a 1996, superior ao do Sul do Brasil (37,74%) no mesmo período. Um número razoável de atividades apresentou diminuição do VBPA, quais sejam: arroz, feijão, maçã, mandioca, suíno e o trigo. Destas, a atividade dos suínos era a que tinha maior participação no VBPA de 1996, ficando na quarta colocação. As atividades com maior crescimento foram as aves (com 1.186,27%), a soja (com 426,06%) e o fumo (com 423,70%). As aves e a soja foram as que mais ganharam posições na hierarquia do VBPA mesorregional, sendo as mais bem colocadas em 1996.

O saldo negativo do componente setorial indica que essa mesorregião não se beneficiou de sua estrutura produtiva original. Seu crescimento no período não foi fruto da acumulação passada, mas de um esforço de reconversão em direção aos segmentos produtivos em que apresentava vantagens competitivas. As atividades do trigo, do feijão e da mandioca apresentaram as menores variações absolutas (todas negativas), acompanhando o desempenho negativo apresentado por essas mesmas atividades no Sul do Brasil. Da mesma forma, todas as principais especializações de 1970 (suínos, milho e feijão) apresentaram diminuição do seu VBPA.

Tabela 2  
Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970/2000

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Varição total absoluta	Varição % no Sul do Brasil	Varição % da meso	QL 1970	QL 2000
Arroz	6.370	2.404	-424	-6.981	1.370	-5.000	31,09	-78,49	0,25	0,03
Aves	8.456	3.192	36.271	60.848	108.766	100.311	466,68	1.186,27	<b>1,08</b>	<b>1,93</b>
Bovino	10.346	3.905	-836	20.780	34.195	23.849	29,67	230,52	0,34	0,68
Feijão	35.189	13.282	-28.376	7.399	27.494	-7.695	-42,89	-21,87	<b>2,14</b>	<b>2,30</b>
Fumo	1.632	616	2.414	3.885	8.548	6.915	185,66	423,70	0,20	0,29
Leite	21.933	8.278	374	2.228	32.813	10.881	39,45	49,61	<b>1,22</b>	<b>1,03</b>
Maçã	17	6	1.283	-1.290	16	-1	7.654,23	-7,18	0,21	0,00
Mandioca	28.338	10.696	-16.645	-4.524	17.865	-10.473	-20,99	-36,96	<b>1,95</b>	<b>1,23</b>
Milho	66.904	25.252	-14.281	8.981	86.857	19.952	16,40	29,82	<b>1,69</b>	<b>1,49</b>
Soja	17.106	6.457	29.490	36.936	89.989	72.883	210,14	426,06	0,78	<b>1,04</b>
Suíno	56.925	21.486	-6.101	-19.269	53.040	-3.885	27,03	-6,82	<b>1,96</b>	<b>1,13</b>
Trigo	17.813	6.724	-21.257	5.072	8.352	-9.462	-81,59	-53,12	0,53	<b>1,06</b>
Uva	896	338	-454	846	1.627	730	-12,90	81,49	0,24	0,40
Outras	6.698	2.528	-2.384	9.837	16.679	9.981	2,15	149,00	0,22	0,43
<b>TOTAL</b>	<b>278.625</b>	<b>105.164</b>	<b>-20.927</b>	<b>124.748</b>	<b>487.611</b>	<b>208.986</b>	<b>37,74</b>	<b>75,01</b>	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

Assim, o que prevaleceu nessa mesorregião foi sua vantagem competitiva endógena, ou seja, o componente diferencial. O desempenho positivo, principalmente, da avicultura e da soja (desempenho muito superior ao do Sul do Brasil nessas atividades, e com todos os componentes positivos) foi determinante nesse desempenho, compensando até o saldo negativo da suinocultura, por exemplo. Além disso, essa mesorregião poderia ter explorado melhor a atividade leiteira, haja vista que essa atividade também apresentou componentes positivos.

Quanto ao comportamento do VBPA do Oeste Paranaense (Tabela 3), verifica-se que o crescimento do VBPA total no período de 1970 a 1996 foi de 117,11%, bem superior aos 75,01% apresentados pelo Sudoeste Paranaense. Apesar de o arroz, o feijão, a maçã e a mandioca terem apresentado diminuição do VBPA, o crescimento das demais atividades foi mais que compensador, sendo o crescimento das aves (de 1.254,94%) e da soja (com 568,96%) as mais representativas.

Tabela 3  
Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970/2000

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso	QL 1970	QL 2000
Arroz	18.961	7.157	-1.262	-21.573	3.283	-15.678	31,09	-82,69	0,44	0,04
Aves	13.114	4.950	56.251	103.373	177.687	164.573	466,68	1.254,94	0,97	<b>1,48</b>
Bovino	17.114	6.460	-1.382	33.714	55.906	38.792	29,67	226,67	0,32	0,52
Feijão	44.193	16.680	-35.636	-17.818	7.419	-36.774	-42,89	-83,21	<b>1,56</b>	0,29
Fumo	4.363	1.647	6.453	-5.413	7.049	2.687	185,66	61,58	0,31	0,11
Leite	25.193	9.509	430	29.244	64.375	39.182	39,45	155,53	0,81	0,95
Maçã	6	2	493	-497	5	-1	7.654,23	-19,74	0,04	0,00
Mandioca	34.158	12.893	-20.064	2.153	29.140	-5.018	-20,99	-14,69	<b>1,37</b>	0,94
Milho	136.130	51.381	-29.058	13.924	172.377	36.247	16,40	26,63	<b>2,00</b>	<b>1,38</b>
Soja	53.158	20.064	91.641	190.742	355.605	302.447	210,14	568,96	<b>1,40</b>	<b>1,92</b>
Suíno	99.008	37.370	-10.612	-9.441	116.324	17.316	27,03	17,49	<b>1,98</b>	<b>1,16</b>
Trigo	16.693	6.301	-19.920	30.594	33.667	16.974	-81,59	101,69	0,29	<b>2,01</b>
Uva	652	246	-330	562	1.129	478	-12,90	73,32	0,10	0,13
Outras	16.574	6.256	-5.899	-237	16.693	119	2,15	0,72	0,32	0,20
<b>TOTAL</b>	<b>479.317</b>	<b>180.914</b>	<b>31.105</b>	<b>349.327</b>	<b>1.040.662</b>	<b>561.345</b>	<b>37,74</b>	<b>117,11</b>	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

O que mais impressiona no Oeste Paranaense é, porém, o saldo positivo apresentado tanto pelo componente setorial quanto pelo componente diferencial. Comparando esses resultados com o estudo de Alves (2008), nota-se na mesorregião Oeste Paranaense uma dinâmica distinta: ela se especializou em atividades em que o Sul do Brasil apresentou *performances* negativas, como foi o caso do trigo, por exemplo, e comportamentos acima da média “nacional” em boa parte das demais atividades. Esses resultados indicam que essa mesorregião se beneficiou de sua estrutura original, ampliando a especialização em setores em que já era especializada em 1970. A variação total absoluta da soja, das aves e do leite mostra que foram essas atividades as que mais contribuíram nesse desempenho.

O Oeste Paranaense se beneficiou (e soube aproveitar bem) de sua estrutura produtiva inicial, mas a base do seu desempenho está em suas vantagens competitivas. O saldo do componente diferencial foi muito superior ao do componente setorial, o que comprova essa afirmação. As atividades das aves, da soja, dos bovinos, do trigo e do leite foram as que mais se destacaram nesse desempenho.

Nesse contexto, analisando o adicional esperado de VBPA, de cada mesorregião, em função do aumento do mercado/demanda interno(a) (componente nacional ou macrorregional), e o adicional efetivo (variação total absoluta), verifica-se que o melhor desempenho foi o da mesorregião Oeste Paranaense, que apresentou um VBPA 3,10 vezes maior do que o esperado. Já o Sudoeste Paranaense, apesar de ter superado o esperado, apresentou um VBPA inferior ao do Oeste, de 1,99 vezes maior.

#### **4. Dinamismo do Setor Industrial entre 1970 a 2000**

Boa parte da dinâmica industrial das mesorregiões Oeste e Sudoeste do Paraná está relacionada, em grande parte, com a transformação da produção agropecuária e nos complexos agroindustriais. De outra parte, houve influência do próprio crescimento das áreas urbanas e da população total desses territórios, exigindo o desenvolvimento e a ampliação de muitos setores além do alimentício, como, por exemplo, do vestuário, da construção civil, do mecânico, dentre vários outros. Coloca-se, porém, um questionamento: – Quais desses setores foram mais dinâmicos nessas mesorregiões? Subsidiando argumentos iniciais à questão, a Tabela 4 apresenta as informações do modelo estrutural-diferencial para o setor industrial do Sudoeste Paranaense.

Tabela 4  
Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião  
Sudoeste Paranaense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Com p. "nac."	Com p. setorial	Com p. Difer.	PO 2000	Vari ação total absoluta	Var. % no Sul/B R	Vari ação % da meso	QL 1970	QL 2000
<b>EXTRAÇÃO MINERAL</b>										
Ext.e apar. de ped. e out. mat. cons.	93	198	-206	116	201	108	-8,68	116,13	0,67	<b>1,19</b>
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	0	0	503,20	0,00	0,00	0,00
Extração de carvão de pedra	0	0	0	0	0	0	-53,27	0,00	0,00	0,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	4	0	1.184,21	0,00	0,00	0,39
Ext. e beneficiamento de outros min.	13	28	-20	20	40	27	56,42	207,69	0,25	0,37
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	0	0	-74,49	0,00	0,00	0,00
<b>IND. DE TRANSFORMAÇÃO</b>										
Ind. metalúrgica	285	608	25	897	1.815	1.530	222,00	536,84	0,53	0,78
Ind. mecânica	105	224	86	922	1.337	1.232	295,41	1.173,33	0,56	<b>1,33</b>
Ind. de material elétrico e de com.	15	32	59	404	510	495	608,75	3.300,00	0,22	0,79
Ind. de material de transporte	48	102	256	-169	238	190	746,99	395,83	0,70	0,31
Ind. de minerais não metálicos	259	552	-239	149	721	462	120,80	178,38	0,67	0,63
Ind. de borracha	0	0	0	0	115	0	381,40	0,00	0,00	0,75
Ind. de fumo	3	6	-3	-7	0	-3	119,86	-100,00	0,04	0,00
Ind. de papel e papelão	15	32	-2	44	89	74	198,31	493,33	0,11	0,16
Ind. de mobiliário	597	1.273	189	194	2.252	1.655	244,77	277,22	<b>1,47</b>	<b>1,20</b>
Ind. de madeira	2.752	5.866	-5.224	-925	2.469	-283	23,34	-10,28	<b>2,88</b>	<b>1,56</b>
Ind. domiciliares de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00	0,00	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	35	75	-39	-50	21	-14	102,75	-40,00	0,33	0,07
Ind. de materiais plásticos	5	11	34	298	348	343	897,95	6.860,00	0,11	0,59
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	0	0	0	0	8	0	96,40	0,00	0,00	0,08
Ind. têxtil	15	32	-10	411	448	433	146,22	2.886,67	0,04	0,38
Ind. domiciliares têxteis	8	17	-25	0	0	-8	-95,08	-100,00	0,75	0,00
Ind. do vestuário	12	26	183	4.393	4.613	4.601	1.736,72	38.341,6	0,11	<b>1,67</b>
Ind. dos calçados	70	149	108	-259	68	-2	367,31	-2,86	0,20	0,03
Ind. de bebidas e álcoolis	55	117	-116	-7	50	-5	3,08	-9,09	0,44	0,29
Ind. editorial e gráfica	79	168	50	245	543	464	276,88	587,34	0,56	0,76
Ind. de prod. farmac. e medicinais	12	26	0	-14	24	12	217,33	100,00	0,28	0,13
Ind. química	4	9	0	54	67	63	220,85	1.575,00	0,04	0,16
Ind. de produtos alimentares	543	1.158	121	4.145	5.966	5.423	235,36	998,71	0,66	<b>1,60</b>
Outras classes da indústria de transf.	54	115	95	668	932	878	388,57	1.625,93	0,50	<b>1,31</b>
CONSTRUÇÃO CIVIL	2.803	5.975	-328	2.331	10.781	7.978	201,46	284,62	<b>1,15</b>	<b>1,10</b>
<b>SIUP</b>										
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	274	584	-401	3	460	186	66,93	67,88	<b>1,38</b>	<b>1,03</b>
Abast. de água e serviço de esgoto	32	68	80	138	318	286	463,08	893,75	0,46	0,60
<b>TOTAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>8.186</b>	<b>17.450</b>	<b>-5.326</b>	<b>14.001</b>	<b>34.438</b>	<b>26.125</b>	<b>213,17</b>	<b>320,69</b>	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2005 e 2002).

Quando se analisam as informações sobre o dinamismo da população ocupada industrial do Sudoeste Paranaense, verifica-se que houve um crescimento de 320,69%, passando de 8.186 para 34.438 no período de 1970 a 2000. Os setores que mais ocupavam pessoas em 2000 eram a construção civil, com 10.781 PO e 284,62% de crescimento no período; as indústrias de produtos alimentares, com 5.966 PO e 998,71% de crescimento; as indústrias do vestuário, com 4.613 PO e surpreendentes 38.341,67% de crescimento; e as indústrias de madeira, com 2.469 PO, mesmo com crescimento negativo de 10,28%. Esses quatro conjuntos de atividades industriais representavam 69,19% do total de pessoas ocupadas nessa mesorregião em 2000.

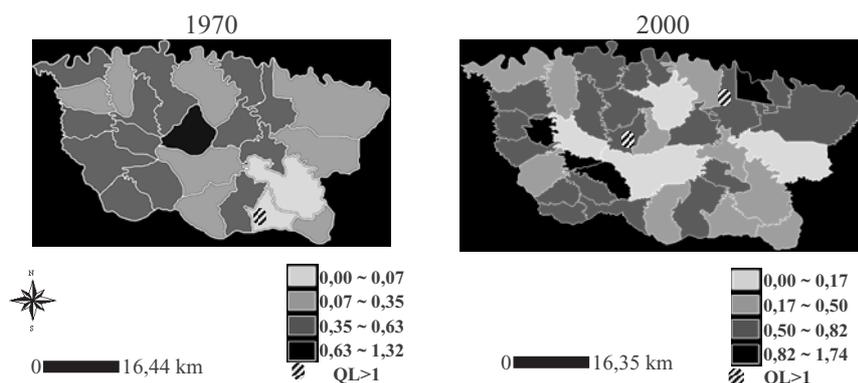
O esperado era que essa mesorregião ampliasse o número de pessoas ocupadas no setor industrial em 17.450 pessoas e o crescimento real foi de 26.125 pessoas, ou seja, 50% a mais do que o esperado. Essa mesorregião não se beneficiou totalmente de sua estrutura industrial original. A atividade madeireira, a maior especialização (QL) em 1970 nessa mesorregião, apresentou taxa negativa de crescimento (-10,28%) no período. Essa foi a atividade que mais contribuiu para o saldo negativo do componente setorial.

Essa mesorregião foi competitiva em várias atividades no período, contribuindo decisivamente no desempenho do setor industrial. As principais especializações apresentadas pela mesorregião em 2000 apresentaram taxas de crescimento significativas: as indústrias do vestuário cresceram 38.341,67% na mesorregião contra 1.736,72% no Sul do Brasil, e as indústrias de produtos alimentares, que cresceram 998,71% na mesorregião contra 235,36% na macrorregião. Essas duas atividades foram as que mais contribuíram no saldo positivo do componente diferencial, ou seja, essas foram as atividades mais competitivas, nessa mesorregião, no período analisado, confirmado pelo surpreendente crescimento do QL de 0,11 em 1970 para 1,67 em 2000 nas indústrias do vestuário e do QL de 0,66 para 1,60, no mesmo período, para as indústrias de produtos alimentares.

Essa mesorregião se beneficia da proximidade com o Oeste Catarinense no que se refere às indústrias de produtos alimentares. O segmento agroindustrial do Sudoeste Paranaense está inserido como parte do polo agroindustrial do Oeste de Santa Catarina, onde atuam algumas das principais empresas do setor, voltando-se ao abate e à industrialização de aves. As unidades do grupo Sadia são os destaques dessa mesorregião. Além disso, o segmento de produção e de industrialização de leite forma o segundo segmento mais importante das indústrias de produtos alimentares do Sudoeste Paranaense (IPEA, 2000).

No geral, o Sudoeste Paranaense se especializou em setores cujos crescimentos foram, com poucas exceções, superiores às taxas de crescimento dos mesmos setores no Sul do Brasil como um todo. Além disso, seu desempenho foi explicado por características endógenas, ou seja, por vantagens competitivas em setores específicos.

Figura 2  
 QIs municipais da indústria de transformação, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970 e 2000



Também é interessante ressaltar que houve uma mudança espacial dos municípios mais representativos na indústria de transformação nessa mesorregião, conforme mostra a Figura 2. Enquanto que em 1970 somente o município de Vitorino apresentava  $QL > 1$ , em 2000 esse destaque passou para os municípios de Ampére e de Dois Vizinhos.

Já a Tabela 5 apresenta informações sobre o setor industrial do Oeste Paranaense e ali se verifica que essa mesorregião apresentou crescimento de 395,82% no número de pessoas ocupadas no setor industrial entre 1970 e 2000, passando de 16.416 para 81.394. Dos setores que mais ocupavam pessoas em 2000, destacavam-se o setor da construção civil (com 29.925 PO), as indústrias de produtos alimentares (com 15.900 PO), as indústrias do mobiliário (com 5.413 PO) e as indústrias do vestuário (com 5.246 PO). Esta última foi a que apresentou o maior crescimento percentual no período (com 32.687,50%), seguido do abastecimento de água e serviço de esgoto (com 6.738,46%) e das indústrias de materiais plásticos (com 5.112,50%), porém a última pouco se destacava na ocupação total de pessoas.

O Oeste Paranaense apresentou crescimento da população industrial 85% superior ao esperado (componente “nacional”). A estrutura industrial inicial dessa região não teve participação nesse crescimento. Isso ocorreu fundamentalmente pelo desempenho negativo da indústria madeireira, a maior especialização no ano de 1970, com taxa de crescimento de -47,82% entre 1970 a 2000, bem diferente da macrorregião, onde a taxa de crescimento desse mesmo setor foi de 23,34%.

Tabela 5  
Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião  
Oeste Paranaense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absoluta	Var. % no Sul/BR	Var. % da meso	QL 1970	QL 2000
<b>EXTRAÇÃO MINERAL</b>										
Ext.e apar. de ped. e out. mat. de cons.	117	249	-260	387	494	377	-8	322	0,42	<b>1,23</b>
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	14	0	503	0,00	0,00	0,56
Extração de carvão de pedra	15	32	-40	-7	0	-15	-53	-100	0,08	0,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	8	0	1.184	0,00	0,00	0,33
Ext. e beneficiamento de outros min.	0	0	0	0	69	0	56	0,00	0,00	0,27
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	0	0	-74	0,00	0,00	0,00
<b>IND. DE TRANSFORMAÇÃO</b>										
Ind. metalúrgica	372	793	33	2.599	3.797	3.425	222	920	0,35	0,69
Ind. mecânica	136	290	112	971	1.509	1.373	295	1.009	0,36	0,64
Ind. de material elétrico e de com.	18	38	71	359	487	469	608	2.605	0,13	0,32
Ind. de material de transporte	66	141	352	266	825	759	746	1.150	0,48	0,45
Ind. de minerais não metálicos	1.223	2.607	-1.130	265	2.965	1.742	120	142	<b>1,58</b>	<b>1,10</b>
Ind. de borracha	14	30	24	126	193	179	381	1.278	0,29	0,53
Ind. de fumo	18	38	-17	53	93	75	119	416	0,13	0,19
Ind. de papel e papelão	17	36	-3	241	292	275	198	1.617	0,06	0,23
Ind. de mobiliário	861	1.835	272	2.445	5.413	4.552	244	528	<b>1,06</b>	<b>1,22</b>
Ind. de madeira	6.041	12.878	-11.468	-4.299	3.152	2.889	23	-47	<b>3,15</b>	0,84
Ind. domiciliares de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21	0	0,00	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	23	49	-25	149	196	173	102	752	0,11	0,29
Ind. de materiais plásticos	8	17	55	337	417	409	897	5.112	0,09	0,30
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	3	6	-4	25	31	28	96	933	0,04	0,13
Ind. têxtil	82	175	-55	795	997	915	146	1.115	0,11	0,36
Ind. domiciliares têxteis	0	0	0	0	0	0	-95	0	0,00	0,00
Ind. do vestuário	16	34	244	4.952	5.246	5.230	1.736	32.687	0,07	0,80
Ind. dos calçados	65	139	100	83	387	322	367	495	0,09	0,08
Ind. de bebidas e álcoois	107	228	-225	117	227	120	3	112	0,42	0,55
Ind. editorial e gráfica	124	264	79	1.510	1.977	1.853	276	1.494	0,44	<b>1,18</b>

(continua)

Tabela 5  
Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião  
Oeste Paranaense – 1970/2000 (continuação)

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absoluta	Var. % no Sul/BR	Var. % da meso	QL 1970	QL 2000
Ind. de prod. farmac. e medicinais	33	70	1	398	503	470	217	1.424	0,39	<b>1,18</b>
Ind. química	23	49	2	336	410	387	220	1.682	0,12	0,42
Ind. de produtos alimentares	1.517	3.234	337	10.813	15.900	14.383	235	948	0,92	<b>1,81</b>
Outras classes da indústria de transf.	189	403	332	373	1.296	1.107	388	585	0,87	0,77
CONSTRUÇÃO CIVIL	5.178	11.038	-606	14.315	29.925	24.747	201	477	<b>1,06</b>	<b>1,29</b>
<b>SIUP</b>										
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	124	264	-181	2.586	2.793	2.669	66	2.152	0,31	<b>2,65</b>
Abast. de água e serviço de esgoto	26	55	65	1.632	1.778	1.752	463	6.738	0,19	<b>1,42</b>
<b>TOTAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>16.416</b>	<b>34.994</b>	<b>-11.934</b>	<b>41.827</b>	<b>81.394</b>	<b>64.887</b>	<b>213</b>	<b>395</b>	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2005 e 2002).

O componente diferencial elevado mostra que essa mesorregião soube aproveitar suas vantagens competitivas do setor industrial. Os setores que mais contribuíram nessa *performance*, ou seja, que apresentaram melhores vantagens competitivas, foram o da construção civil, o das indústrias de produtos alimentares e o da indústria do vestuário. As indústrias de produtos alimentares eram uma das especializações em 2000. Os setores dos serviços industriais de utilidade pública juntamente com as indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários completavam o rol de especializações nesse ano. Esse grupo de setores também contribuiu no desempenho da mesorregião com taxas acima da média “nacional”. Deve-se destacar que o crescimento na população ocupada dos serviços industriais de utilidade pública, no Oeste Paranaense, esteve diretamente relacionado com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, construção concretizada na década de 1980, sendo a sede da Usina localizada no município de Foz do Iguaçu.

Conforme mostra a variação total absoluta, um dos setores que mais contribuiu no desempenho mesorregional foi o setor das indústrias de produtos alimentares. Essa mesorregião tem uma particularidade apontada pelo IPEA (2000) e por Peixe e Protil (2007): a ação das cooperativas na economia local especializada na produção de aves e de suínos, e também no leite, com alto nível tecnológico e forte integração agroindustrial. Cerca de 50% dos produtores associados a cooperativas de produção ou agroindustriais do Estado do Paraná, em 1996, estavam localizados e distribuídos pela maioria dos municípios do Oeste Paranaense.

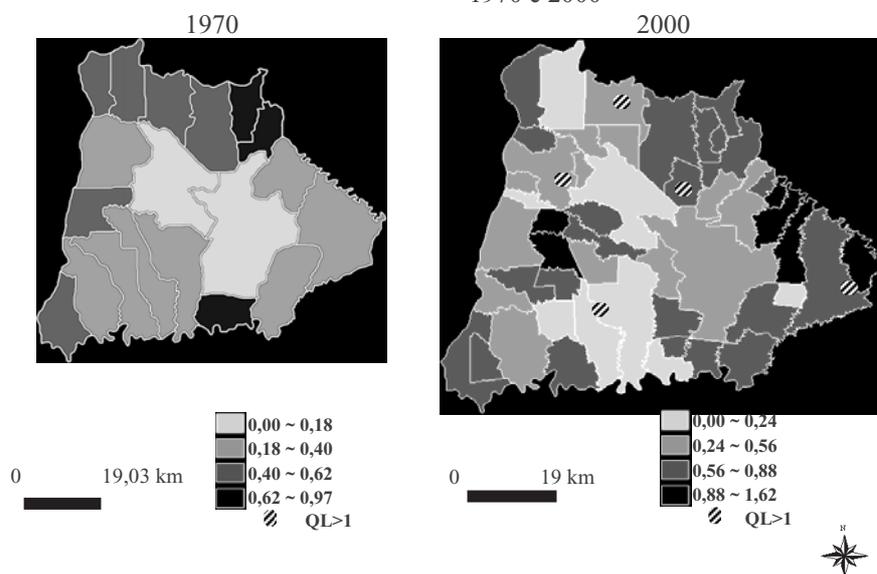
No geral, todos os setores, com exceção da indústria madeireira, apresentaram taxas de crescimento significativo e superiores às apresentadas, nos mesmos setores,

no Sul do Brasil. O comportamento do conjunto desses setores e, em especial, das indústrias de produtos alimentares e da construção civil, proporcionou o desempenho positivo do setor industrial no Oeste Paranaense.

A diferença entre a variação total absoluta e o componente nacional mostra que o melhor desempenho industrial foi o da mesorregião Oeste Paranaense, que apresentou um incremento de pessoas ocupadas 1,85 vezes maior do que o esperado, seguido do Sudoeste Paranaense, onde esse desempenho foi de 1,50 vezes superior. Essas duas mesorregiões paranaenses conseguiram “reconverter” sua estrutura industrial privilegiando, efetivamente, aqueles setores em que apresentavam maiores capacidades competitivas.

Deve-se frisar, mais uma vez, que a base do desempenho industrial dessas duas mesorregiões foi o setor das indústrias de produtos alimentares. O Oeste do Paraná foi, porém, mais competitivo e um indicador que ajuda a confirmar essa afirmação é o número de pessoas ocupadas no setor das indústrias de produtos alimentares por km<sup>2</sup> dessas mesorregiões que, em 2000, era de 0,35 PO/km<sup>2</sup> no Sudoeste Paranaense e de 0,70 PO/km<sup>2</sup> no Oeste Paranaense.

Figura 3  
QLs municipais da indústria de transformação, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970 e 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

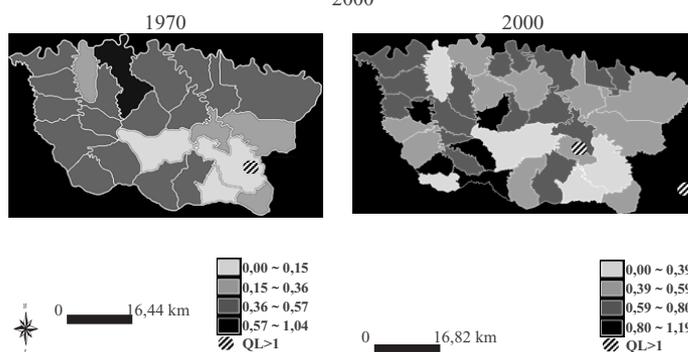
A estrutura espacial das indústrias de transformação dessa mesorregião também sofreu alterações, conforme mostra a Figura 3. Apesar de, em 1970, não haver nenhum município com  $QL > 1$ , os municípios que mais se destacavam eram Cascavel e Toledo. Em 2000, cinco municípios apresentaram especializações significativas nesse setor, quais sejam: Terra Roxa, Toledo, Ibema, Entre Rios do Oeste e Medianeira.

## 5. Dinamismos do Setor de Serviços entre 1970 a 2000

O setor de serviços dessas mesorregiões foi influenciado tanto pelo aumento populacional ocorrido no período de 1970 a 2000, e pela crescente urbanização, como pelos efeitos de encadeamentos do desenvolvimento dos setores primário e secundário. As tabelas referentes aos resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços, das quatro mesorregiões, não são apresentadas aqui devido à sua extensão e ao limite de páginas<sup>21</sup> deste artigo. No Sudoeste Paranaense, o número de pessoas ocupadas desse setor cresceu 418,39% no período de 1970 a 2000, passando de 18.423 para 95.503, também superior ao do Sul do Brasil. No geral, as especializações que essa mesorregião apresentava em 1970 apresentaram taxas de crescimento inferiores às do Sul do Brasil, ou seja, essa mesorregião também não se beneficiou da sua estrutura de serviços inicial.

A base do desempenho dessa mesorregião está atrelada ao desenvolvimento de setores específicos, ou seja, com características endógenas. Esse fato está confirmado pelo saldo positivo do componente diferencial, com atividades principalmente ligadas ao comércio de mercadorias, à prestação de serviços e a atividades sociais. As atividades ligadas aos transportes, às comunicações e à armazenagem não apresentaram desempenhos tão significativos; pelo contrário, muitos deles apresentaram taxas de crescimento inferiores às do Sul do Brasil, característica também presente em algumas atividades de prestação de serviços.

Figura 4  
QLs municipais dos serviços, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970 e 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

<sup>21</sup> Os interessados podem, porém, solicitá-las via e-mail ao autor.

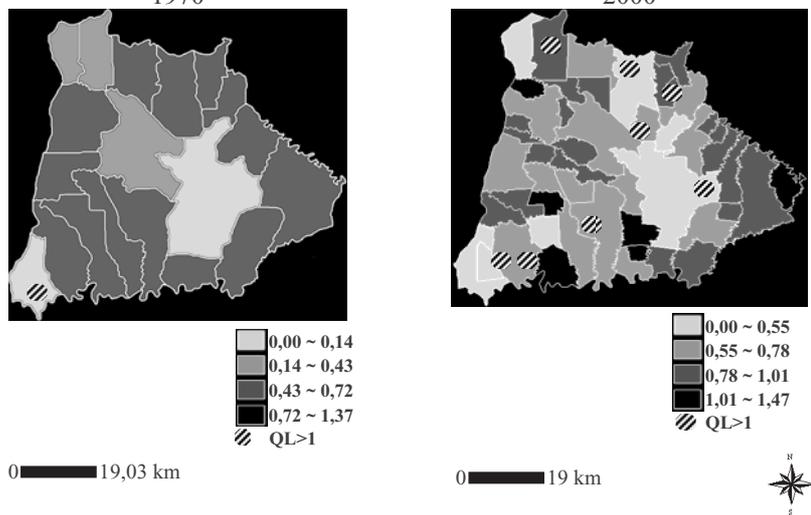
O município de Pato Branco se consolidou como um centro regional de serviços nessa mesorregião, seguido, em 2000, pelo município de Francisco Beltrão, conforme mostra a Figura 4.

A mesorregião Oeste Paranaense foi a que apresentou o maior crescimento no número de pessoas ocupadas do setor terciário com 691,85%, passando de 39.546 em 1970 para 313.145 em 2000. Essa mesorregião apresentou o maior valor no saldo da componente diferencial, onde a maioria das atividades apresentou valores positivos nesse componente. Partindo de uma estrutura de serviços pouco favorável, essa mesorregião se especializou em setores competitivos.

Todas as atividades do comércio de mercadorias, da prestação de serviços, do comércio de imóveis, e a grande maioria das demais, apresentaram taxas de crescimento bem superiores aos apresentados pelos mesmos setores no Sul do Brasil. Isso explica, em parte, o significativo aumento do número de especializações do ano de 2000 nessa mesorregião. É impressionante o desempenho do setor terciário dessa mesorregião no período de 1970 a 2000. Foi a mesorregião que apresentou melhores vantagens competitivas no setor terciário, dentre as mesorregiões analisadas.

Foz do Iguaçu também se consolidou como um centro de serviços nessa mesorregião, mas em 2000 vários outros municípios eram significativos nesse quesito ( $QL > 1$ ), quais sejam: Guaíra, Palotina, Assis Chateaubriand, Toledo, Cascavel, Cafelândia, Medianeira e Santa Terezinha de Itaipu, conforme mostra a Figura 5.

Figura 5  
QLs municipais dos serviços, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970 e 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

O desempenho crescente e positivo das atividades de aves e de suínos do Oeste Paranaense deu a essa mesorregião uma *performance* distinta. As indústrias de produtos alimentares ligadas aos segmentos da soja, do milho, das aves e dos suínos estão na base desse desempenho. Além disso, não se pode esquecer a influência causada pela construção de Itaipu, bem como pelo desenvolvimento do turismo-comercial dos municípios limítrofes ao lago de Itaipu e, é claro, pelo polo turístico de Foz do Iguaçu devido à existência do Parque Nacional do Iguaçu, das Cataratas e da própria Itaipu, sem contar que esse município é centro comercial de fronteira.

Assim, as mesorregiões em análise partiram de uma estrutura de serviços pouco favoráveis, porém o Oeste Paranaense foi a mesorregião que mais excedeu o esperado de crescimento (variação total absoluta / componente “nacional”), cerca de 2,51 vezes a mais que o esperado. No Sudoeste Paranaense, esse número foi de 1,51 vezes.

## 6. Conclusão

O objetivo deste artigo foi analisar os determinantes dos diferenciais de desempenho setorial das mesorregiões Oeste Paranaense e Sudoeste Paranaense, no período de 1970 e 2000.

Conforme mostraram os resultados no modelo estrutural-diferencial, verificou-se que, a despeito da similaridade de suas estruturas originais, ao longo do tempo as duas mesorregiões se especializaram em segmentos e em setores produtivos distintos, que apresentaram dinâmismos distintos, e essas diferenças de dinamismo nos setores motrizes das economias regionais consideradas estão na base da dinâmica global distinta. E isto ocorreu, fundamentalmente, porque os efeitos de encadeamento dos setores motrizes dessas mesorregiões foram diferenciados. O Oeste Paranaense e o Sudoeste Paranaense, que tinham, em 1970, uma produção agropecuária mais diversificada, com uma participação expressiva da pecuária de pequenos animais, aprofundaram esse perfil peculiar de especialização no período analisado, cujos efeitos se refletiram no desempenho dos setores secundário e terciário.

O bom desempenho setorial, principalmente da agropecuária e da industrial, explica a *performance* acima da média da mesorregião Oeste Paranaense. Aliada a isso, a construção de Itaipu e o polo comercial e turístico localizado nessa região se refletiu em uma maior diversificação industrial e, principalmente, de serviços. Por outro lado, a construção civil, seguida das indústrias de produtos alimentares, foram as que mais se destacaram, em geração de emprego, nas duas mesorregiões. Ambas as mesorregiões não aprofundaram apenas sua dedicação à soja, mas também à pecuária suína e avícola, diversificando mais sua agropecuária. Ao lado disso, a pecuária de ambas as mesorregiões está integrada à indústria, ou seja, a agroindustrialização dessas mesorregiões é evidente. A agroindustrialização da pecuária de pequenos e médios animais foi o carro-chefe do dinamismo intrarregional.

Enfim, as opções produtivas dessas mesorregiões, principalmente do setor agropecuário (que no ano de 2000 eram aves/soja/milho/suínos no Sudoeste

Paranaense e soja/aves/milho/suínos no Oeste Paranaense), depois a indução de economias externas (caracterizadas, principalmente, pelas indústrias de produtos alimentares nessas mesorregiões), e, por último, dos efeitos de encadeamentos nos três setores, essas foram as principais explicações do desempenho socioeconômico diferenciado nessas mesorregiões. Assim, o que explica o melhor desempenho do Oeste Paranaense, no período de 1970 a 2000, foi o fato de ter havido uma melhor diversificação e integração dos setores dessa mesorregião, em comparação com o Sudoeste Paranaense.

## Referências Bibliográficas

- Alves, L. R. 2008. “Distribuição das atividades econômicas e desenvolvimento regional em mesorregiões selecionadas no Sul do Brasil – 1970 - 2000.” *Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/LucirReinaldo.pdf>>.
- Bernardes, N. 1997. *Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí.
- Brum, A. J. 1988. *Modernização da agricultura: trigo e soja*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Corrêa, R. L. 1997. *Trajelórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Espíndola, C. J. 1999. *As agroindústrias no Brasil: o caso da Sadia*. Chapecó, SC: Grifos.
- Ferrera de Lima, J. 2006. *Méthode d'Analyse Regionale: Indicateurs de Localisation, de Structuration et de Changement Spatial*. Saguenay, Canadá : UQAC/GRIR.
- Ferrera de Lima, J., Alves, L., Karpinski, C., Piacenti, C., Piffer, M. 2006. “Le profil de la dualité rurale dans la région de Salto Caxias dans l'État du Paraná au Sud du Brésil” *L'Ordinaire Latino-Americain*. Toulouse, n° 205, p.185-204.
- Fochezatto, A. 2004. “Estrutura produtiva e performance econômica das economias estaduais brasileiras na década de noventa.” *Revista Análise Econômica*. Porto Alegre, RS, n. 42, ano 22, setembro.
- Haddad, P. R. 1989. (Org.). *Economia regional: teoria e métodos de análise*. Fortaleza, CE: BNB/ETIENE.
- Haddad, P. R. 1977. *Padrões regionais de crescimento do emprego industrial de 1950 a 1970*. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 39(1), p. 3-45, janeiro/março.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Banco de dados agregados – SIDRA*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 de agosto de 2006.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 1970: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande dos Sul*; questionário da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. 1 CDROM
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2000: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande dos Sul*; questionário da amostra. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 1 CDROM
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo agropecuário: Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974a. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XIX).

- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo agropecuário: Santa Catarina*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974b. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XX).
- IPEADATA. *Dados macroeconômicos e regionais*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 15 de março de 2007.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2000. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais – Sul*. Brasília: IPEA.
- Lodder, C. A. 1974. “Padrões locacionais e desenvolvimento regional.” *Revista Brasileira de Economia*. v. 28, n. 1, p. 3-128, janeiro/março.
- Moreira, R. 2004. “A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro.” In: Limonad, E., Haesbaert, R., Moreira, R. (Orgs.). *Brasil século XXI por uma nova regionalização – agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Lomonad. p. 123-152.
- Padis, P. C. 2006. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. 2 ed. Curitiba, PR: IPARDES.
- Peixe, J., Protil, R. 2007. “Eficiência econômica e social das cooperativas agroindustriais paranaenses: proposta de um modelo de avaliação.” *Informe GEPEC*. Toledo, v. 11 nº 02 , p. 01-11.
- Santana, J. 2006. “Aplicação de medidas de localização e especialização na Região Metropolitana de Salvador.” *Cadernos de Análise Regional*. Salvador, vol. 05, nº 01, p.18-26.
- Silva, J. C. C. 2002 “A análise de componentes de variação (shift-share).” In: Costa, J. S. *Compêndio de economia regional*. Coimbra, Portugal: APDR.
- Souza, N. J. 2005. “Estrutura espacial das atividades econômicas do Rio Grande do Sul, 1990/2000.” *Estudos do CEPE*. Santa Cruz do Sul, RS, nº 21, p. 91-116, janeiro/junho.
- Trendle, B. 2004. “Regional economic instability: the role of industrial diversification and spatial spillovers.” *The Annals of Regional Science*. Berlin, vol. 40, nº 04, p. 767-778.
- Vollet, D., Dion, Y., 2001. “Les apports potentiels des modèles de la base économique pour guider la décision politique.” *Revue d'Économie Régionale et Urbaine (RERU)*, Paris, nº 2, pp.179-196.